

O ANTICOMUNISMO NA IMPRENSA BAIANA: UM ESTUDO DAS NOTÍCIAS SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA NO JORNAL A TARDE (1959-1964).

Bruno de Oliveira Moreira¹
Muniz Gonçalves Ferreira²

Resumo: Este artigo apresenta a pesquisa com o mesmo título que se encontra em andamento. Trata-se da análise das notícias sobre a Revolução Cubana no jornal diário baiano A Tarde entre 1959 e 1964 e de sua relação com a intensificação da propaganda e abordagem anticomunistas no Brasil e no estado da Bahia, às vésperas de sua institucionalização com o golpe civil-militar de 1964. O atual estágio da pesquisa já permitiu a constatação de que, no decorrer dos anos analisados, as representações sobre Cuba nos textos sofreram graduais transformações, variando de um inicial tom celebrativo para posteriores desqualificações cotidianas; fato que pode ser aliado, entre outros elementos, à oficialização do caráter socialista do regime revolucionário implantado em Cuba, em 1961.

Palavras-chave: Anticomunismo; Revolução Cubana; Jornal A Tarde.

Um dia após a vitória das tropas revolucionárias cubanas sobre o exército oficial daquele país, os jornais brasileiros dedicaram grande parte dos seus espaços ao tema. A luta rebelde, que durara dois anos, era noticiada em dois de janeiro de 1959 nas páginas do jornal baiano A Tarde:

Na madrugada de hoje, as forças triunfantes de Fidel Castro anunciavam que estava sendo convocada uma demonstração gigante, no Parque Central de Havana, para a tarde de hoje, a fim de pedir a entrega da presidência da República ao ex-juiz Manuel Urrutia (A TARDE, 02/01/1959, p. 4).

O jornal abordou, através da reportagem “Uma ditadura a menos”, o “balanço” de fim de ano das agências de imprensa internacional, que descreviam as lutas de libertação da América Latina como uma “saudável melhoria dos seus costumes políticos, varrendo regimes de força e os substituindo por formas de governo democráticas”. A “lista”, iniciada por experiências como a luta da “Venezuela liberal ao (contra o) ditador Jimenez”, se completaria, segundo o texto, pelo exemplo de Cuba: “uma bonita lição” dada. Um jornalismo sugerindo simpatia à causa rebelde cubana é o que se identifica neste exemplar de 1959. Tal teor, entretanto, se alterou à medida que a propaganda e a produção de materiais anticomunistas se intensificaram no Brasil. A partir de 1961, ano da declaração oficial do caráter socialista da Revolução Cubana; até 1964, momento em que o anticomunismo no Brasil se institucionaliza com o golpe civil-militar, as notícias, notas e colunas passaram a refletir tal processo.

A pesquisa por este texto apresentada – e que se encontra em desenvolvimento - tem como objetivo geral investigar as alterações nas tendências ideológicas contidas nos textos jornalísticos do diário baiano A Tarde que abordaram os temas “Revolução Cubana” ou “Cuba”, no período de 1959-1964, analisando, de forma articulada, o processo histórico que as condicionou. O período escolhido para a investigação (1959-64) está balizado entre 1959, pelo

¹ Licenciado em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz; Mestrando em História Social pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: brunodeoliveiramoreira@yahoo.com.br – Autor.

² Professor Doutor do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. Orientador

impacto da Revolução Cubana a partir do triunfo rebelde neste ano (fato que acompanha as primeiras representações na imprensa mundial); e 1964, pela derrubada do então presidente João Goulart, sendo sucedido pelos militares golpistas, fato que representa ou marca a transição de um período de campanha intensa anticomunista para o momento de sua institucionalização e êxito do ponto de vista da conquista do Estado (DREIFUSS, 1987). Apesar de considerar que tais mudanças não devem ser entendidas de forma restrita ao jornal *A Tarde* e que as motivações podem ser comuns a grande parte dos jornais do período, a pesquisa concentra-se na análise deste veículo específico, cujo grau de interferência política ainda hoje é elevado na sociedade baiana.

É importante ressaltar uma primeira e crucial atenção teórica que diz respeito diretamente ao trato de fontes hemerográficas, e se refere ao modelo hegemônico de produção jornalística difundido a partir das décadas de 40 e 50, e que pode ser sucintamente classificado como “Teoria da Responsabilidade Social” (SIEBERT, PETERSON e SCHRAMM, 1956). Por este modelo normativo, entre outras orientações, entende-se que o jornal deve distinguir “objetivamente”, para o leitor, os textos jornalísticos “informativos” (notícias, notas, reportagens e entrevistas), pretensamente imparciais; dos textos jornalísticos “opinativos” (editoriais, comentários, artigos, resenhas e colunas), nos quais a posição de um autor ou do jornal é evidenciada de forma direta.

O jornal *A Tarde*, assim como os outros jornais brasileiros de circulação comercial, submeteu seus modos de produzir ou reproduzir notícias, e de comentar acerca de eventos ocorridos, aos pressupostos da teoria acima descrita. Notícias internacionais, por exemplo, eram recebidas de agências estadunidenses como a *Associated Press* e reproduzidas pelo *A Tarde*. No entanto, comentários aos eventos narrados pelas matérias também eram publicados, tentando-se distinguir, com isso, os textos “objetivos” dos “subjetivos; ou os “informativos” dos “opinativos”. Suas notícias e matérias eram, assim, textual e espacialmente separadas de seus editoriais e colunas.

Fundado oficialmente em outubro de 1912 em Salvador pelo bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Ernesto Simões Filho, o diário *A Tarde*, ainda em circulação na Bahia, não tardou para se tornar um veículo de interferências política e social consideráveis na sociedade baiana, tal como expõe o jornalista Maurício Naiberg:

O jornal *A Tarde*, o temível vespertino da Praça Casto Alves, derrubava políticos ou os elegia apenas com editoriais enérgicos. (...) Político para ser bem-sucedido na Bahia precisava contar com o apoio do jornal *A Tarde* (NAIBERG, 2000, p. 43).

Durante a década de 30, o jornal evidenciou sua importância política ao se tornar veículo principal da campanha “autonomista” empreendida por políticos baianos vinculados aos interesses da elite econômica do estado, que naquele momento se indispunha ao projeto de dirigismo estatal varguista (SAMPAIO, 1999). Nos anos seguintes, o *A Tarde* tornou-se palco do entrelaçamento entre o projeto liberal-burguês em ascensão e os limites e contornos impostos pelas oligarquias do estado. (GUIMARÃES, 1982).

Seus jornalistas podem ser entendidos enquanto um grupo que se aproxima no tocante à origem social, aos espaços sociais compartilhados e aos interesses gerais. Num momento de adaptação do projeto liberal-burguês aos velhos esquemas das elites baianas, esses filhos da elite e do seu projeto conservador, ou “intelectuais tradicionais” numa perspectiva gramsciana, convertem-se na “intelectualidade orgânica” (GRAMSCI, 1995) desse projeto de modernização

conservadora, sintetizado a partir dos anos 40 e 50 na Bahia (GUIMARÃES, 1982). Tratam-se de determinadas “categorias intelectuais preexistentes”, como aborda Gramsci, absorvidas ou articuladas a determinados projetos sociais novos, num processo em que

cada grupo social “essencial”, contudo, surgindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento dessa estrutura, encontrou - (...) - categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas (GRAMSCI, 1995, p. 5).

Em dois de janeiro de 1959, o jornal dedicava a maior parte de sua capa ao inquietante evento do dia anterior: o triunfo da Revolução Cubana. Uma descrição detalhada das situações que acompanharam a vitória dos rebeldes da Sierra Maestra³ sobre os batalhões do governo era publicada para o leitor baiano. Sob o título “Vitoriosa, após dois anos de luta, a Revolução Cubana”, a matéria informava:

Despachos procedentes de Havana dão conta de que o presidente Fulgêncio Batista, depois de entregar o poder a uma Junta Civil e Militar, fugiu para o exterior, possivelmente para a República Dominicana, depois do colapso das forças que combatiam os rebeldes de Fidel Castro (A TARDE, 02/01/1959, p. 1).

De uma maneira geral, o texto tratava a vitória da Revolução liderada por Fidel Castro, Ernesto “Che” Guevara, Raul Castro e outros; como um processo de superação de uma ditadura corrupta. O respaldo popular e o vigor do apoio dos cubanos ao exército rebelde também era descrito. O texto noticiou o êxito dos rebeldes como um processo legitimado pela população e preocupou-se ainda em abordar a situação de cubanos exilados no Brasil, fugitivos da ditadura de Fulgêncio Batista, naquele momento derrubada:

Com lágrimas de alegria e brados de “Viva cuba (*sic.*) em Liberdade” os exilados cubanos celebraram manifestações realizadas na sede da embaixada de Cuba (...) Homens, mulheres (...) festejaram com alegria, incontinentes o inesperado presente de Ano Novo, a queda do ditador Fulgencio Batista (A TARDE, 02/01/1959, p. 1).

O jornal divulgava de forma celebrativa a “saga” dos rebeldes da Sierra Maestra e alicerçava seu texto na demonstração do cunho autoritário e corrupto do governo vencido, a ditadura de Fulgêncio Batista. O espectro da alegria do povo humilde cubano era trazido pelo *A Tarde* numa exposição que sugere simpatia e legitimação. É o que se vê abordado num texto da mesma edição, produzido pelo jornal, intitulado “Uma ditadura a menos”:

O episódio de Fidel Castro é mais um lance dramático dessa saga cubana. Representou, por 25 meses, à oligarquia de Batista, o famoso sargento, como ele era conhecido e escarnecido pela imprensa mundial. Vinha se agüentando no poder há vários lustros, governando o país como se fora uma pequena fazenda de sua propriedade particular. Isso feriu os brios nacionais, até que esse sentimento se materializou, passando das reações subterrâneas para um movimento de guerrilhas que, sem auxílio externo de qualquer natureza, foi ganhando terreno, até obter a vitória final (A TARDE, 02/01/1959, p. 4).

³ Região Serrana de Cuba onde se deram os principais enfrentamentos entre os grupos rebeldes e as tropas legalistas.

Apesar desse primeiro recebimento amistoso da notícia da vitória dos batalhões revolucionários, os noticiários sobre Cuba observados a partir de 1961 vão ganhando aspectos bem diversos dos das primeiras posições. A partir daquele ano, os temas, os grupos selecionados para a obtenção das informações e até mesmo as localidades de origem das mensagens e notícias passaram a se orientar de uma forma diferenciada, direcionando-se as preferências dos jornalistas com relação às fontes principalmente aos grupos de exilados cubanos residentes em Miami, tratados pelo jornal como “forças anticastristas”.

Vale ressaltar que, mesmo em 1959, a atenção estadunidense envidada ao processo revolucionário cubano já era considerável. A destituição do desgastado regime de Fulgêncio Batista e a sua substituição por um governo revolucionário poderia, para os EUA, representar a continuidade do projeto de dominação da Ilha, alicerçado, desta vez, num governo popular, renovado e cooptado. Tal como expressa Che Guevara em relação a essa questão num de seus escritos, “durante algum tempo o imperialismo apostou nisso, mas perdeu dolorosamente” (GUEVARA, 2004, p. 60).

Segundo Motta, de forma conjugada ao imediato êxito do movimento guerrilheiro em Cuba no ano de 1959, pode-se até mencionar uma “simpatia americana no início”. Entretanto, “quando seu governo se encaminhou para medidas nacionalistas e antiimperialistas, porém, houve a ruptura, processo consumado com a transformação do regime *castrista* num modelo marxista-leninista” (MOTTA, 2002, p. 231).

O autor complementa que num contexto de guerra fria, a possível aliança de Cuba com a União Soviética poderia representar o início de um possível levante latino-americano rumo ao socialismo. Em 1961, Fidel Castro, num dos seus discursos na Praça da Revolução, logo após os primeiros ataques promovidos por exilados cubanos nos EUA treinados e armados pela CIA, declarou o caráter indiscutivelmente socialista do movimento: “Esta es la revolución socialista y democrática de los humildes y para los humildes” (Extraído de MONIZ BANDEIRA, 1998, p.295)⁴.

A declaração de Fidel em 1961 fora o ápice de um quadro que vinha se sedimentando desde os primeiros dias de 1959. Ao longo deste período, Cuba estatizou 75 % de sua indústria, além de diversos outros setores, incluindo o de serviços públicos (MONIZ BANDEIRA, 1998). Ao passo que promovia reformas estruturais e populares, o regime cubano também vinha se aproximando da URSS através de parcerias comerciais. Em fevereiro de 1960, o primeiro acordo entre os dois países desencadeou a primeira do que viria a ser uma série de sanções econômicas impostas pela Casa Branca. Aumentavam-se, assim, as contradições entre Cuba e Estados Unidos. Para Moniz Bandeira, a declaração de Castro tinha o intuito maior de “constranger a URSS a defendê-la (Cuba) contra a iminente invasão organizada pelos EUA” (MONIZ BANDEIRA, 1998, p. 296).

As declarações de Castro em 1961 também se aliam de uma forma crítica à intensificação das ações de oposições no Brasil, promovidas por grupos conservadores (como os militares inseridos na esfera governamental), à política externa independente objetivada pelo então presidente Jânio Quadros, que renunciaria ao cargo meses depois⁵. Tal proposta foi se

⁴ O discurso de Fidel Castro, que fora proferido em 16 de abril de 1961, também está disponível em <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos>.

⁵ Oficialmente, Jânio Quadros esteve na presidência da República de 31 de janeiro a 25 de agosto de 1961.

solidificando ao longo do curto mandato, acompanhada pelo agravamento das tensões entre Quadros e os militares e políticos defensores do alinhamento irrestrito ao governo norte-americano no contexto da Guerra-Fria. Em agosto de 1961, Jânio Quadros condecorou com a Ordem do Cruzeiro do Sul o representante de Cuba Ernesto “Che” Guevara em meio a olhares indignados dos militares presentes à Cerimônia. A notícia do *A Tarde* expunha seu olhar sobre o ocorrido:

Círculos ligados ao Palácio da Guanabara informam que os ministros militares não teriam assinado o diploma da condecoração da Gran Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul que o presidente da República concedeu ao ministro cubano Ernesto “Che” Guevara. As mesmas fontes adiantam que o ministro da Guerra discursará no dia 25 do corrente, “Dia de Caxias”, (...) com um pronunciamento formal contra o comunismo (A TARDE, 21/08/1961, p. 1).

Numa edição anterior, do dia 27 de abril de 1961, o jornal trazia a matéria de capa “Castro transformaria Cuba na primeira república socialista da América Latina” (A TARDE, 27/04/1961, p. 1), subdividida em notícias remetidas de Washington (“Cuba afastada da Junta Inter-Americana de defesa”), Miami (“Dispostos a voltar à luta”) e Cayo Hueso – Flórida (“Mais dois fuzilamentos”; “Chamado o embaixador”). Nesta edição já não apareceram, tal como nas primeiras edições de 1959, notícias oriundas de Havana, o que pode demonstrar o afastamento, naquele momento, das agências internacionais de notícia de Cuba. Através de uma observação acerca dos diferentes adjetivos atribuídos a Castro através da coesão textual nos escritos deste período, vê-se que, de forma geral, o líder da “luta democrática” de 1959 convertia-se no “tirano” comunista cubano de 1961.

No decurso dos anos de aproximação ao golpe de caráter civil-militar no Brasil, as tendências acima citadas foram se tornando mais agudas. No ápice do processo, ano de 1964, os textos do *A Tarde* sugerem o recebimento e reprodução da propaganda anticomunista corrente no restante do Brasil. Os títulos alertam contra o perigo comunista no Brasil e a iminência de uma revolução, e especularam a existência de “10 mil comunistas infiltrados no Brasil” (A TARDE, 10/03/1964, p. 1), ou noticiaram que “Comunistas já tinham sêlo para comemorar revolução” (A TARDE, 14/03/1964, p. 2). Paralelamente, Cuba, enquanto república na América então declaradamente socialista, passava a compor uma posição central nas representações do discurso anticomunista (MOTTA, 2002, p. 232).

O golpe civil-militar de 31 de março de 1964 institucionalizaria o temor ao perigo comunista. Às vésperas do golpe, uma grande parcela da população já aguardava e solicitava – silenciosa ou abertamente - uma intervenção capaz de frear a tendência de esquerda do governo Goulart (DREIFUSS, 1987). Os “vermelhos de lá” (A TARDE, 02/04/1964, p.1) de Cuba são trazidos novamente às páginas do jornal em 13 de abril de 1964, declarando-se que

Expôs-se novamente ante os olhos do mundo a conspiração de violência, terror e subversão da Cuba comunista contra os seus vizinhos do Hemisfério Ocidental. O regime de Fidel Castro foi oficialmente acusado ante a Organização dos Estados americanos (OEA) de agressão e intervenção na Venezuela, adestrar elementos subversivos, fornecer fundos e disseminar propaganda difamatória (A TARDE, 13/03/1964, p. 1).

Numa publicação da Associação Bahiana de Imprensa, pode-se ter uma dimensão acerca da posição de apoio ao golpe de 1964, assumida por uma parte da imprensa baiana (ligada ao órgão) Trata-se de uma cronologia desta instituição, publicada em 1980 pela própria ABI:

14 de abril de 1964: A ABI publica, nos principais jornais da cidade, a seguinte nota paga: “A ABI na Marcha da Família - A Associação Bahiana de Imprensa está convidando os jornalistas filiados nos seus quadros sociais da capital e do interior para tomarem parte na ‘Marcha da Família com Deus pela democracia’, que no dia 15 do corrente, na Praça da Sé, demandará ao Campo Grande, onde será prestada uma homenagem às Forças Armadas, que com admirável coesão, tornaram vitoriosos os ideais contidos na legenda acima” (CADENA, 1980, p. 25).

Apesar de se encontrar em progresso, a presente pesquisa apóia-se em observações iniciais, as quais oferecem suporte para conclusões parciais: 1) que o jornal *A Tarde* assumiu uma postura receptiva e celebrativa à Revolução Cubana em 1959, quando esta ainda não se encontrava oficialmente vinculada ao modelo de república socialista; e 2) que o jornal reproduziu o modelo ideológico de recusa e desqualificação ao comunismo e ao ideário de esquerda nos anos em que as condições históricas possibilitaram um processo de intensificação deste discurso (1961-1964), passando Cuba a ocupar espaço central da propaganda anticomunista. Alguns elementos foram aqui apresentados como possíveis condicionantes deste processo, entre eles a gradual vinculação de Cuba a um modelo socialista apoiado pela União Soviética, num contexto de Guerra Fria; além de questões internas no Brasil, a saber, a chamada política externa independente praticada pelo presidente Jânio Quadros e a posterior recusa por parte dos setores conservadores ao modelo reformista proposto pelo presidente João Goulart. Entretanto, o curso do desenvolvimento da pesquisa possibilitará, evidentemente, novos resultados.

REFERÊNCIAS

- CADENA, Nelson V. **Cronologia da Associação Bahiana de Imprensa (1930-1980)**. Salvador: ABI, 1980.
- DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado – Ação política, Poder e Golpe de Classe**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- GUEVARA, Ernesto Che. “Cuba, exceção histórica?”. In: SADER, Eder. **Che Guevara: Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- GUIMARÃES, Antônio S. **Formação e crise da hegemonia burguesa na Bahia**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. UFBA-FFCH, 1982.
- MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- MOTTA, Rodrigo Pato Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- NAIBERG, Maurício. **Dez dias que abalaram a imprensa na Bahia**. Salvador: Contexto e Arte Editorial, 2000.
- SAMPAIO, Consuelo N. **Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação**. 2. ed. Salvador: Edufba, 1999.
- SERRA, Sônia. **O Momento: história de um jornal militante**. Dissertação de Mestrado em História Social. Salvador: UFBA-FFCH, 1987.
- SIEBERT, F. S., PETERSON, T, SCHRAMM, W. **Four Theories of the Press**. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1956.